

Quando nasce um bebê

O Pensamento Sensível e o Pensamento Simbólico no Teatro do Oprimido

O Corpo e o Conhecimento

Quando nasce um bebê é um corpo humano que vem ao mundo. Passam a existir o corpo e o mundo – o corpo no mundo. Esse corpo não traz consigo nenhum preconceito, nenhum parti-pris, idéias inabaláveis, certezas ou intransigências. Não torce por nenhum time de futebol e não professa nenhuma religião. Não faz filosofia nem compara valores – desconhece valores: é apenas um corpo humano.

Não possui nenhum Conhecimento *a priori*, no sentido kantiano¹, que ultrapasse os limites do que lhe é orgânico e, nele, singular. Apenas traz consigo seus cinco sentidos, necessidades biológicas e, mais tarde, incipientes desejos. Sobretudo, traz um cérebro com cem bilhões de neurônios que criam infinitas sinapses: a Mente, que é a sua vida psíquica, organizadora de emoções e produtora de idéias e projetos.

Seus sentidos já existiam, em desenvolvimento, dentro do ventre materno, e já guardavam memórias. Sua pele já tocava o líquido amniótico, que poucas variações tinha de temperatura e consistência. Seus ouvidos já recebiam sons vindos de fora, amortecidos; sua boca ape-

nas sentia sabor nos lábios apertados; seus olhos nada viam, e seus pulmões não respiravam.

O nascimento produz um choque sensorial de tremenda violência, e o bebê chora. Assustado, pensa: pensa um pensamento mudo, pois não conhece palavras. Sua pele toca outras peles, roupas e coisas – ele sente e compara. Sons, à sua volta, tornam-se explosivos e diversificados. Pela primeira vez seus pulmões se repletam de ar e o bebê cheira. Saboreia o leite materno. Seus olhos, quando se abrem bem abertos, ao tudo verem, nada vêem: lentamente, ao longo dos dias que passam, das pessoas e coisas que passam, distinguem traços e cores, desenham perspectivas e reconhecem fisionomias.

Os primeiros contatos com o mundo exterior são de natureza sensorial – isto é, estéticos. A Estética nasce com o bebê.

A Estética como Pensamento Sensível

Quando, entre 1750 e 1758, o filósofo alemão Alexander Baumgarten escreveu seus dois livros sobre a Estética, ele a definiu assim: “Os Sentidos, – e os Conhecimentos que deles derivam –, permitem imaginar uma gnosiologia inferior.

Augusto Boal é dramaturgo, encenador e coordenador do Centro do Teatro do Oprimido.

¹ Conhecimento que não depende e é anterior à experiência prática.

Não duvido que possa existir uma Ciência do Conhecimento Sensível... intermediária entre a sensação pura, obscura e confusa, e o puro intelecto, claro e distinto. Ela não é nem algo existente na própria Coisa, nem pura criação do ser humano: é o resultado de uma síntese particular, harmonia entre Coisa e Pensamento. O Conhecimento Sensível é particular, como objeto de sensibilidade; e geral, como objeto de entendimento”.

Estética é uma relação Sujeito-Objeto, concordo. Discordo apenas do uso da palavra “inferior” para designar o Conhecimento Sensível que não é uma função estática, arquivo morto ou mero registro de Informações sensoriais, mas sim o orquestrador das novas informações com as anteriormente recebidas, e com os desejos e necessidades do Sujeito.

Quero adotar a idéia de que existe uma outra forma de pensar, não verbal – o Pensamento Sensível –, que é dinâmico, articulado e resolutivo.

O fluxo contínuo de nossas ações e decisões, que levam em conta, e ao cabo, as informações orquestradas pelo Conhecimento, são obra de um verdadeiro Pensamento Sensível que, dinamizando esse Conhecimento, determina e orienta a dinâmica do Sujeito.

O Conhecimento Sensível organiza o Léxico de todos os elementos psíquicos em Sintaxe valorativa – conjuga-se no presente do indicativo; o Pensamento Sensível, apoiado no Conhecimento, é Gerúndio. O Conhecimento oferece opções; o Pensamento escolhe e inventa. O Conhecimento interroga; o Pensamento responde. O Conhecimento é o conhecido; o Pensamento, o conhecer. O Conhecimento traz o passado até o instante presente; o Pensamento, do instante, avança para o futuro. Ambos são etapas interpenetráveis de um mesmo processo psíquico.

Também não me parece adequada a expressão “puro intelecto” pois tal pureza não existe: o Intelecto é o resultado da metamorfose contínua e progressiva de sensações, emoções e idéias, atuais e passadas, que rodopiam na Mente, antes de se projetarem no futuro como fala e

ação. Mas concordo que, na formação do Intelecto, existe um salto vital, impossível de ser conhecido: da mesma forma que o ácido desoxirribonucléico adquire vida, – ou nela se transforma, sem que saibamos como, nem porquê –, o cérebro orgânico cria a Mente multifária e, esta, o Intelecto refinado.

A Estética não é a Ciência do Belo, como se costuma dizer, mas sim a da Comunicação Sensorial e da Sensibilidade. Fosse somente a Ciência do Belo e do Sublime, teríamos que inventar uma outra palavra para designarmos o quase-Belo, o menos-Belo e a Fealdade. O Belo, que da Estética faz parte, é a organização sensorial da realidade, anárquica e aleatória, em formas que lhe dão sentido e, a nós, prazer. Pode ser traduzido e explicado em palavras, mas não as necessita.

O Feio, que é o antônimo apenas de Bonito, pode ser Belo. O Feio é Belo – não há nisto nenhuma contradição. Bela é a Verdade. Qual? Como não somos todos iguais, haverá muitas. A Estética não tem valores universais.

Afirmo também que não existe o Mais-Belo e o Menos-Belo, conceitos criados em sociedades individualistas, capitalistas e neoliberais, em que é importante ser sempre o primeiro, o melhor. Penso, ao contrário, que cada Coisa é ou não Bela em função da sua capacidade de, através dos nossos sentidos, significar uma verdade real ou imaginária, dentro de condições temporais e concretas, quer nos atraia ou assuste.

O Maria Fumaça e o Trem-Bala, o carrinho de mão e o carro de corridas, são belos em suas realidades sociais, como, nas naturais, o arbusto e a sequóia, o riacho e o mar.

O Corpo e o Mundo

Para sobreviver, o bebê precisa conhecer o mundo – sobretudo, o seu lugar no mundo. No entanto, os estímulos que recebe são pletóricos e confusos, desordenados, difíceis de entender. Seus sentidos registram sensações torrenciais.

Aquelas que se repetem são fixadas no seu cérebro e, organizados por sua mente, servirão de parâmetros e paradigmas para receber e estruturar as próximas que virão.

Sensações não nos vêm isoladas, puras e refratárias: cada uma recebe e produz emoções específicas. Se o bebê mama, o estômago saciado e o sabor do leite se associam ao prazer de tocar o corpo da mãe, sentir seu cheiro, ouvir sua voz. Cada sensação está envolta em emoções e memórias.

Se o bebê ouve música suave, se reconforta; ouvindo *techno*, essa agressiva sensação virá associada ao espanto e à dor. Sendo confrontado à luz de holofotes, seu corpo se retrai em sofrimento e se pacifica, se exposto à suave luz azul.

Progressivamente, sensações e emoções, – e as memórias a elas referentes –, são organizadas pelo Conhecimento em estruturas sensoriais, mnemônicas e emotivas que, em movimento, são o Pensamento Sensível. Nele, e entre elas, existe o fenômeno da Sinestesia que propicia o seu entrelaçamento e interdependência.²

O bebê passa a pressentir, sinestesticamente, aqueles estímulos que prenunciam prazeres, – como a mãe que se aproxima para lhe dar de mamar –, ou ameaçam dores: vozes distantes ou gritos.

Suas faculdades motoras se desenvolvem; nessa medida, o bebê aprende que, não só é capaz de *perceber* o mundo, mas é também capaz de se *associar* a ele. Ouve música e move o corpo, dança, perseguindo o ritmo que nem sempre encontra. Reage, com prazer, ao canto

dos pássaros, e teme o trovão. Sente o cheiro de leite e busca o seio. Vê o pai ou a mãe, e abre os braços. Aprende a sorrir – grande invenção humana.

Quanto mais se desenvolvem seus músculos, mais aprende que pode, não apenas *perceber* e se *associar* ao mundo, mas pode também *transformá-lo*. Se levamos uma criança à praia, com areia ela fará uma escultura e se descobrirá escultora. Se lhe dermos papel branco e lápis de cor, ela se descobrirá pintora. Se lhe dermos peças de armar, fará uma bela arquitetura – a criança é arquiteta.

Nesta seqüência – perceber o mundo, associar-se a ele e transformá-lo – estes são os primeiros contatos da criança com o mundo que a cerca: contatos estéticos, artísticos, organizadores de sensações, às quais atribuí valores e qualidades. Essa forma de pensar e de se relacionar com o mundo é uma forma estética de conhecê-lo e, com ele, dialogar. As linguagens estéticas são cognitivas – são, em si mesmas, Conhecimento.

A Palavra e o Pensamento Simbólico

O bebê, desde cedo, começa a reter em sua memória sons seqüenciais associados continuamente às mesmas coisas e pessoas, atos ou fatos, presentes ou futuros: são as Palavras. Surge o Pensamento Simbólico.

A soberana Palavra nos traz o Conhecimento Abstrato que é produzido pelas linguagens informativas:³ aquelas que transportam

² *Sinestesia* é o diálogo entre os sentidos, p. ex., a visão de uma pessoa ou coisa que provoca sensações epidérmicas de prazer ou dor, emoções de medo ou atração. Diferente da *Cenestesia* que se refere às impressões sensoriais internas do organismo que nos fazem sentir bem-dispostos ou tensos, saudáveis ou doentes.

³ Se uma pessoa a outra diz – “Eu te amo” –, essa frase refere-se ao amor, mas não é o amor. Se nada disser, e apenas olhar a pessoa amada, seu olhar é o amor. A palavra amor é linguagem informativa, enquanto que a voz com que é pronunciada, e o rosto de quem a pronuncia naquele momento, esses, são linguagem cognitiva.

Conhecimento, mas não são Conhecimento; referem-se à Coisa, mas não são a Coisa. São simbólicas e não sinaléticas.⁴

A Linguagem das Palavras é essencial na constituição do Ser Humano, pois permite articular pensamentos sobre o que não está em contato direto com os sentidos, pensar o Futuro que não existe, refletir sobre o passado revóluto; permite adiar e antecipar, organizar o tempo e dar significados ao espaço, fazer promessas e ameaças, jogar xadrez, criar agendas, usar o dinheiro e o cartão de crédito, emprestar e cobrar juros, fazer hipotecas e continuar morando na mesma casa, imaginar o não-acontecido e ponderar possibilidades de acontecer.

Com a invenção da Palavra, o Ser Humano descobriu também a Mentira e suas formas mais comuns: o Falso-Testemunho e a Calúnia, eficazes armas de Poder. Com a Mentira surgiu a *Hipocrisia* que é a possibilidade de se dar contínua aparência de verdade ao que o Sujeito sabe ser falso. O Pensamento Simbólico sufoca o Pensamento Sensível.

Criando uma outra forma de vida, a Palavra torna mais complexa e densa a Realidade, e a boa relação entre os dois Pensamentos pode entrar em franca colisão.

É curioso lembrar que a palavra grega *Hypokrisia*, entre os seus vários sentidos, tinha o de “Desempenhar um papel em uma peça” – isto é: a Arte do Ator. Significava também: “A resposta do Oráculo”. Oráculo e Ator, ambos misteriosos, tinham, e conservam, o mágico poder de impor empática submissão aos seus interlocutores e, neles, inocular mensagens, sentimentos e valores. A Empatia é arma perigosa, instrumento de convencimento e poder.

A Ficção, que é uma variante da Mentira criada e transmitida através da Empatia, revela-se como uma outra forma, – paralela, estruturada e coerente –, de compreensão ou interpretação do real que pode produzir opressivas e categoriais estruturas de raça, casta ou classe, credo ou sexo. Torna-se uma outra Realidade, onde até mesmo o Improvável e o Impossível passam a ser categorias do Real.

A palavra Ficção torna-se a única ficção que realmente existe, pois que existe descolada de qualquer realidade.

A luta pela posse do Território, tão comum entre os animais predatórios como nós, os humanos, estendeu-se às palavras e não somente à terra e aos bens materiais.

Liberdade e Democracia, por exemplo, passaram a ter o significado que lhes atribuem os seus proprietários, e perderam o sentido etimológico que possuíam ao serem criadas. O neoliberalismo chama de democracia (o poder do povo) ao que todos sabemos ser uma plutocracia (o poder do dinheiro), e Liberdade passa a designar a razão do mais forte.

Com a introdução da Palavra, que é simbólica, as linguagens estéticas, que são sinaléticas, esmaecem e se tornam cada vez menos conscientes e consistentes. O Pensamento Sensível torna-se diáfano ou obscuro: não vemos com nitidez o que olhamos, não escutamos com precisão o que ouvimos, nem sentimos em toda sua extensão o que tocamos. Prestamos atenção ao significado das palavras – mas não ao timbre, volume, ritmo e outras características sensoriais da voz. Definha, em nós, o artista.⁵

No entanto, o corpo humano e as linguagens estéticas são capazes de um Conheci-

⁴ Nas linguagens simbólicas os significantes estão dissociados do significado; nas linguagens sinaléticas, significantes e significados são inseparáveis. No exemplo anterior, a palavra amor é simbólica e o rosto do amante sinalético.

⁵ Temos que re-aprender a ver a coisa no espaço, o espaço da coisa, e o espaço do espaço, feito coisa; temos que sentir o que toca o nosso corpo, e sentir o corpo; escutar os sons que ouvimos, e os que estão gravados na memória. Temos que redescobrir o corpo: temos um corpo.

mento, paralelo e simultâneo ao das palavras, indispensável para a mais ampla e multidimensional percepção do mundo, e para a sua compreensão mais profunda. São formas de conhecer que produzem um Conhecimento específico que somente através delas se obtém, e às outras se acrescenta. O que aprendemos ao ver uma pessoa, é insubstituível pelo que, dela, possam nos dizer. Ouvi-la nos traz um conhecimento que é insubstituível pelo que, da sua voz, se possa predicar.

Esse Conhecimento e esse Pensamento Sensíveis⁶ podem ser traduzidos em palavras – linguagem simbólica, – porém, ao serem traduzidos em Pensamento Simbólico, perdem a sua essência, como acontece quando alguém *explica* um quadro ou uma sonata. A sonata e o quadro já falavam por si, e a palavra, embora traga outra forma de Conhecimento, obscurece momentaneamente a percepção estética.

O Pensamento Sensível, veloz e incessante, é base e raiz do Pensamento Simbólico, intermitente e lento, sem o qual este não existiria, mas que existe sem aquele. Não necessita se transformar em Pensamento Simbólico, isto é, em palavras, porque são dois diferentes níveis e formas de pensar.

O Pensamento Sensível, primogênito e genitor, inventa as Palavras, e as Palavras, organizadas, constroem o Pensamento Simbólico.

Os dois Pensamentos, o Sensível e o Simbólico, interagem, subdividem-se e multiplicam-se, amalgamam-se impuros, e variam seus fluxos a cada instante. Despertos, podem se assumir como Consciência, que consiste em pensar o pensamento, criticamente, como Sujeito que examina o seu Objeto: avalio o que penso, pensando em vários níveis simultâneos, e deci-

do o que faço. A Consciência é Ética: escolhe seus valores... sejam quais forem.

O Pensamento Sensível não ocupa nenhum espaço no tempo, mas o Pensamento Simbólico exige tempo para ocupar o seu espaço.

Esse é o segredo da Arte.

O Teatro do Oprimido, – como Arte que é –, sem desvalorizar a Palavra, procura estimular nos seus participantes, através dos sentidos, o Conhecimento e o Pensamento Sensíveis em cada instante da Ação teatral, metáfora da vida, em cada Imagem e em cada Som. Vai além, e procura conhecer a própria Palavra como objeto sensível, pois entende que toda Sintaxe é Poesia – pode ser ruim, mas é poesia...

Duas palavras, quando se associam, criam um terceiro Ser, soma infinita de significados.⁷

O Pensamento Sensível encara o Pensamento Simbólico: entre os dois, sobrevém a cordialidade complementar... ou a pororoca lingüística e sensorial se estabelece.

Sendo imperfeitos nossos sentidos, – únicos em cada ser humano –, cada um de nós terá, desse mundo, uma percepção imperfeita e única.

Apesar disso, podemos dizer que nossas percepções do mundo, – embora sejam apenas *o nosso mundo* e não *o mundo* –, assemelham-se entre elas e, dele, podemos predicar algumas características reconhecidas por todos, cada qual a seu modo que, embora diferente, é semelhante: isto é uma cadeira; aquilo, uma mesa; este, um oprimido; aquele, um opressor.

Temos que reconhecer, no entanto, que nossa singular visão da mesa e da cadeira, como de tudo que nos cerca, tem os limites da nossa percepção, envolta, como está, em nossas emoções e memórias; articulada, como está, com nossos desejos e necessidades.

⁶ O Conhecimento é o articulador das informações, e o Pensamento é o formador de decisões e o provedor de ações que passam, ou não, pela Consciência.

⁷ *Chove* indica água que cai do céu; *muito*, indica uma quantidade indefinida. *Chove muito*, designa desde a fina garoa até a torrencial tempestade tropical.

O Teatro do Oprimido, ao propor os cidadãos como atores e espectadores, – *espectatores* – palco e platéia, Objetos e Sujeitos da ação dramática e do diálogo-fórum, deve, necessariamente, começar pelo relato individual de uma história verdadeira: uma opressão particular – o Coro é formado por indivíduos.

A partir do particular, no entanto, não se dirige à singularidade dessa opressão, mas sim à generalidade de opressões semelhantes – do indivíduo ao grupo social.

Essa expansão, ao mesmo tempo em que se espraia pelo múltiplo, aprofunda-se na unicidade de cada participante, pois a vida social penetra e se reflete na mente de cada cidadão: não é possível separar, estanques, o mundo lá de fora e o de dentro de nós – a assim chamada *política*, e a *psicologia*, assim chamada.

Vivemos flutuando no real, sem com ele nos confundirmos. Como nossas particulares *flutuações* se assemelham, podemos dialogar – Diálogo Social codificado, cheio de imperfeições e mal-entendidos, mas baseado no tácito acordo de que estamos falando da mesma coisa quando sabemos, conscientes ou não, que falamos de coisas diferentes.

Esse Diálogo Social é por todos aceito em função da relação custo-benefício: ao preço de fingimento e faz-de-conta, renunciamos à busca do inacessível Conhecimento do Outro para ganharmos a agradável sensação de sermos parceiros, até iguais. Incluímos ainda, na coluna dos ganhos, a possibilidade otimista de nos aproximarmos, cada vez mais, de um quase-conhecimento através desse quase-diálogo, e chegarmos a uma quase-verdade.

Delírio, alucinação e as formas delirantes da Arte

Essa *flutuação sobre o real* encontra, em condições e momentos especiais, a feição de decolagens e vôos siderais.

Quando um poeta, imerso em seus pensamentos, memórias e imaginações, escreve o seu poema; quando um pintor, alheio ao mundo, pinta o seu quadro; quando um compositor escuta sons que transcreve em partituras, sem que ninguém os ouça; quando o ator sobe ao palco e finge ser quem ele sabe que não é, e os espectadores fingem acreditar, e acreditam – estes são casos de Formas Delirantes de percepção estética do mundo.

Formas Delirantes diferem dos Delírios porque são socialmente enquadradas, ritualizadas, estruturadas, – têm lugar, modo e hora –, e porque são, ou podem ser, reversíveis pelo próprio sujeito que as produz.

No Delírio Patológico, o sujeito, por si só não é capaz, ou é pouco capaz, de fazer esta reversão; incapaz mesmo de compreendê-la e de compreender-se.

Formas Delirantes são ainda diferentes porque os Delírios são repetitivos, limitados a poucas interpretações do real, empobrecedores, enquanto que as Formas Delirantes são criativas, imaginosas, e rompem limites.

Por essa virtude de romper limites, as Formas Delirantes correm o risco de se transformarem em Alucinações⁸, o que ocorre quando são ativadas sensações sem os objetos que as provocam, quando se pode ver o que não existe e pode-se abraçar a imaginação. Isto acontece nos

⁸ O Delírio interpreta erroneamente a realidade que existe, atribuindo-lhe valores e propósitos que, reconhecidamente, não são verdadeiros, ou não se coadunam com a usual interpretação coletiva; a Alucinação cria uma realidade inexistente através de sensações, imagens e sons que, igualmente, inexistem.

O Delírio pode ser uma forma de racionalizar a Alucinação, que pode ter sido o seu estágio anterior, mas pode, igualmente, provocá-la: Alucinógeno produto da Alucinação.

As Formas Delirantes afastam-se da realidade objetiva, que é por todos compartilhada, e instalam-se em uma realidade criada, para a qual a todos convida (como no teatro, concerto musical ou dança), ou das quais a todos exclui (como no momento criativo solitário do pintor ou compositor).

trances alucinados de certas religiões animistas, como nos trances alucinados de certos pintores, compositores, atores e outros artistas.

Formas Delirantes e Alucinações, são maneiras especiais com as quais o Sujeito organiza e estrutura, valora e expressa, a sua percepção do mundo – nisso se assemelham. São diferentes porque, na Alucinação, o Sujeito torna-se vítima do descontrole perceptivo e, nas Formas Delirantes, o Sujeito se permite e atinge os limites desse descontrole, sem ultrapassá-lo.

Assemelham-se, ainda, porque ambas são aventuras investigatórias do intelecto, governado ou não.

Podemos mesmo falar de uma Alucinação Estética, controlável pelo artista, diferente da Alucinação Patológica, senhora do paciente.

Teatro do Oprimido – Arte e Política

Vivemos uma época que não é melhor nem pior do que outras – é igualmente cruel, individualista e excludente.

Olhando para o passado, vemos desumanas guerras religiosas e pagãs, etnocídios e variadas formas de genocídios. Isto é o mesmo que hoje vemos, não só nos *bárbaros* países africanos e asiáticos, mas nos *civilizados* europeus e americanos: mata-se à tripa forra.

Se, ontem, piratas e flibusteiros atacavam e roubavam as naus em alto-mar, hoje bandidos e meliantes assaltam carros e ônibus na Linha Vermelha, caminhões na estrada.

Se, ontem, soldados marchavam a pé cruzando fronteiras contíguas, hoje, exércitos inteiros viajam de continente a continente, e matam, – não espada na mão, mas suavemente tecendo sofisticados computadores que, à distância, disparam bombas inteligentes e impiedosas que sobrevoam países e perseguem seus inimigos com raios infravermelhos e ultravioletas, *lazer*, e o que mais se invente.

Concordo com Shakespeare para quem o teatro é Arte que nos mostra a nossa verdadeira

cara – virtudes e vícios. Isto é a nossa Arte. Mas não concordo que isso baste: se não nos agrada nossa cara, há que mudá-la.

Temos que invadir esse espelho e, como faz a criança com a areia da praia, temos que fazer a escultura de como queremos ser.

Arte é Política. Teatro é movimento: mostra ações humanas, atos sociais, e todas ações humanas têm sentido, meta e significado. Por que parar quando baixa o pano? Aí começa!

Concordo com aqueles filósofos que disseram, como Hegel, que a “Arte é o luzir da Verdade através dos meios sensoriais”. Mas não concordo que essa verdade que luz, se olharmos cara a cara o mundo em que vivemos, seja divina como pensava o filósofo: é terrena.

Nem sempre é bela, mas bela há que torná-la. Como faz a criança pintando suas cores.

Concordo que temos que buscar a Verdade, aquela que mostre porque a dor existe, e quem a causa. Mas não nos basta a Imagem do Espelho: temos que inventar outra Imagem que nos satisfaça, – imagem sem opressão –, e persegui-la.

Como faz a criança quando aprende a dizer “Não!”

Teatro é arte dinâmica: não podemos paralisá-la dizendo – “Assim é a vida!” – antes digamos: “Assim será!”

Embora sejam fundamentais e insubstituíveis – por isso escrevo! – não será só com palavras que conheceremos o mundo; menos ainda poderemos transformá-lo. No teatro, ensaia-se para o espetáculo e, no espetáculo, fisicamente e não só com palavras, devemos ensaiar os meios de transformar o mundo: entrando em cena. Depois, no real, temos que transformá-lo.

Ensaia com os sentidos, as emoções, a inteligência e a criatividade que tínhamos como crianças, mas com a experiência vivida, a coragem e a responsabilidade que temos agora, como adultos.

Ensaia e, depois, extrapolar para a sociedade o que descobrimos no palco ou na arena.

O jogo da criança era *à brinca*; o nosso, *é à vera*.